JOSÉ BASÍLIO DA GAMA, O POEMA URUGUAI E SUAS IMPLICAÇÕES

HENRIQUE GONZÁLEZ

Deve-se à Livraria Garnier, fechada há poucos anos, o conhecimento dos autores brasileiros, sobretudo poetas, pela reedição de suas obras.

Eram livros impressos em Lisboa, de autoria dos que cursavam a conhecida Universidade.

Graças às pesquisas dos estudiosos, entre êles João Ribeiro e José Veríssimo, abrindo aquelas publicações, é possível saber-se, com detalhes, a vida dos poetas, a temática e a beleza dos seus versos.

Entre lavôres tão destacados que nos facilitam o conhecimento de uma época, figura o poema *Uruguai*, de José Basílio da Gama. (1)

Descreve a luta travada entre a Espanha e Portugal, e os Jesuítas, em tôrno de medidas desumanas para cumprimento dos Tratados que definiam às lindes dos dois países: mudança da tutela dos índios, de padres por militares, deslocamento das aldeias, ou por outra, a expulsão dos aborígines de terras que êles tanto amavam. (2)

Muitos afirmam que o autor do poema não podia conhecer o assunto com tanta minúcia, porque sempre viveu na Europa.

Para responder a dúvida da falta de conhecimento das fontes pelo autor, começamos por afirmar que Basílio da Gama nasceu na hoje Tiradentes, perto de S. João del-Rei. Órfão de pai, ficou na dependência do Engenheiro Cel. José Fernandes Alpoim. (3)

Foi êle quem orientou o poeta na sua vida escolar no Colégio dos Jesuítas enviando-o à Universidade.

Designado para receber a Colônia do Sacramento, seu torrão natal, lá se deteve sete longos anos. Tomou parte na luta, como artilheiro, e de tudo que se passou deve ter inteirado o poeta. Basílio da Gama destaca-se na sua obra:

"Quem é — continuava o castelhano,
aquêle velho vigoroso e forte
que de brando e amarelo, e de ouro ornado,
vem seus artilheiros conduzindo?

Vês o grande Alpoim... Êste o primeiro
ensinou entre nós por que caminho
prenhe de fogo, e como que fôra do alto
abate tetos da cidade, e lança
do rôto seio, envolto em fumo e morte etc.

Além disso, um dos avós maternos de Basílio foi governador da Colônia do Sacramento.

Transmitido pelos familiares, êle conheceria muitas reminiscências, senão da guerra mas do ambiente com seus costumes característicos, portanto, se foi Alpoim objeto da veneração saudosa do poeta, assim como o filho, que morreu afogado, sendo Basílio por êle protegido, tinha que conhecer o que se passara no Rio Grande do Sul e suas adjacências.

É lógico que a versão dos acontecimentos não podia de forma alguma ser contrária aos interêsses de Portugal. Só mais tarde, com o aparecimento de documentário de origens diferentes, tornou-se possível reconstituir a verdade, já proclamada naquele tempo, mas que não chegava aos ouvidos do poeta.

Embora não seja muito apreciável pelo pequeno volume de informações, temos no capitão francês de nome Luís Antônio de Bougainville (4) um bom informante. E estêve algum tempo em Montevidéu, justamente nessa época. Bacharel em Direito, matemático, militar, marinheiro, experiência indicada como observador de capacidade, suas informações são valiosíssimas.

Após ter feito entrega do Canadá aos inglêses, povoara as Ilhas Falkand, na Bôca dos Estreitos de Magalhães; agora vinha devolvê-las aos britânicos que alegavam ter tido precedência na descoberta.

Bougainville viu, ouviu, leu, manteve contacto com as principais autoridades espanholas, compulsou relatórios, cartas, cédulas, ordens. Foi êle oficial que teve altercação com o Conde da Cunha, numa audiência. Êste, primeiro Vice-Rei do Brasil no Rio de Janeiro, abriu a goela, pôs-se a chamar em altos brados a guarda sem que a mesma comparecesse. Surprêsa para a oficialidade, pois, sua atitude era cordial a ponto de lhes ter oferecido confortável casa durante a estada de Bougainville.

Falava bem o idioma francês, o que lhe conferia certa franqueza para usar de gestos de homem polido diante de um grande intelectual como o visitante. A obra do bacharel-capitão é descritiva. Nela se encontram informações sôbre o discutido rei Nicolás. (5)

Não passava de um velho guarani, septuagenário, tocador de rabeca. Há dados notáveis como curiosas informações sôbre o índio Atuori, do Taiti ou das Ilhas Maurícias.

Levado para França, onde passou dois anos, freqüentava a Ópera em dias de espetáculo, nas *Torrinhas*. Ia sòzinho, e êle mesmo comprava a entrada à porta do Teatro.

A nobreza de França apaixonou-se por êsse selvagem devido seus apreciáveis sentimentos de amizade, assistiu-lhe, a si e aos seus conterrâneos, despendendo verdadeira fortuna para consecução de objetivos grandiosos como de trazer os companheiros à vida civilizada.

Luís Antônio de Bougainville, confundido com outro Bougainville na *Biblioteca Exótica*, de Alfredo de Carvalho, (6) póstuma, bem visto, tem conceitos de espantar mas parece ser repetição do livro de um índio paraguaio, segundo mestiço, depois de Garcilasso a darnos uma obra histórica. (7)

Basílio da Gama tomara partido contra a Companhia de Jesus de cujo Colégio fizera parte a ponto de ser considerado jesuíta.

Sua atitude, na hora dolorosa em que compareceram as autoridades encarregadas da prisão das infelizes vítimas de Pombal, foi de dúvida, de frouxidão. O temor se havia apoderado dêle e doutro colega, enquanto os restantes, em número de dezoito, mantinham-se fiéis. O companheiro, combalido, apresentando sinais de psicose, enlouqueceu. Apesar dos acontecimentos *José Basílio*, (é êste o nome que um documento inédito em latim lhe deu) embarcou para Roma. (8)

O seu assistente espiritual no Rio de Janeiro foi um desertor da Companhia impôsto pela situação. As provas foram duras, consistindo em privar-lhes dos alimentos, de água, e, ainda mais, um trabalho preparativo estudado para lhes transformar os pensamentos.

Na Cidade Eterna fêz-se membro da Arcádia Romana pela facilidade com que versejava, em italiano.

Da Itália seguiu para Portugal, e de lá das santas terrinhas ia ser desterrado para Angola, quando lhe sobreveio súbita lembrança. Fêz um epitalâmio à filha de Pombal, e tudo mudou...

Publica finalmente o poema *Uruguai* em 1769. Sete anos depois estava dentro do Ministério, de que era titular Sebastião José de Carvalho, como oficial de secretatria, mais tarde oficial de gabinete. De vento em pôpa, passou mais de treze anos no Ofício, catequizado, afeiçoado e totalmente contra os jesuítas, pois não havia outro recurso para provar o abandono definitivo da Companhia, já extinta.

Pombal contava pessoas destacadas em todos os ramos de atividade, principalmente militares, poetas, diplomatas, depois, face a um gesto evasivo, menos acomodatício, já supunha traição.

Bastava o circunstante comentar algo, logo as garras do Tribunal da Inconfidência entrava em cena. As paredes tinham ouvidos. Daí ao patíbulo era um pulo. Entretanto, tocado da valdade da épo-

ca, sua *Scotland Yard* não funcionava bem. Punia o inocente e deixava escapar o mais audacioso espião, o qual, na casa do Conde, jogava, brincava e se regalava no repasto das azeitonas do d'Ouro, dos bacalhaus apetitosos...

Assim veio acontecer ao aventureiro milanês, que se apresentou com preciosas recomendações da Condessa de Cignone, cunhada de Pombal. (9)

Tão preocupadas ficaram na janotice do gaiato, que os Condes vislumbraram-no das cortinas, descer da carruagem, empertigado pelas ataduras, parecia um *Tuntakamon* de fancaria. Êste, sim, era autêntico espião, de audácia jamais vista mas com a virtude extraordinária de não ter negado sua qualidade de aventureiro ao escrever na Suiça memórias tão curiosas.

Servira em vários países como militar. Não tinha um ceitil no bôlso. Um genovês, muito provàvelmente o complemento da espionagem, deu-lhe dinheiro, alugou-lhe dourada sege, arranjou-lhe criado de libré e deu-lhe instruções indispensáveis como agir.

No outro dia, depois de acolhido, já encontrava ao postre, num prato, o pergaminho nomeando-o capitão da reserva, *dolce far niente*, com três anos de sôldo por antecipação... Não ficou satisfeito. E ei-lo dias depois pelas mãos da condessa Daun recebendo o título de *Capitão de Granadeiros do Regimento de Lipe*, também três anos de vencimentos adiantados, e algum tempinho mais tarde Ajudante de Ordens. Entrou com o pé direito...

Jogava cartas com o ditador, passatempo muito comum nos paços como no-lo relata William Beckford (10) e ouviu, não uma vez, mas muitas, Pombal escarnecer das vítimas da véspera ao jantar.

José Gorani, assim se chamava o espião, num caso em que fôra testemunha, sentiu repulsa da pilhéria, no entanto, contemporizou... É êle quem nos confirma o que se tem dito: o marquês desconfiava até da própria sombra, e punha à prova os amigos de ontem...

Três vêzes Gorani foi tentado pelo diabo... e três vêzes saiu-se bem.

A primeira consistiu numa viagem acompanhado de um Desembargador que levava sinistra missão do Tribunal da Inconfidência. No meio do caminho mansamente começa a obrigar o militar e companheiro à catarse, embora Freud tenha aparecido cento e tantos anos depois. Tenta explorar o inconsciente dêste indivíduo experimentado. Gorani faz-nos curiosa descrição das circunstâncias que rodearam o caso.

Continuou *habitué* da casa do Conde de Oeiras, na opulência dos seus vinte e seis anos, cabelos emproados, rendas da Holanda a rolar majestosas dos punhos, a destacar-se do peitilho da camisa, fardas com galões de ouro, emfim, um perfeito fidalgo na moldura do tempo, colorido como uma estampa medieval.

Eis senão quando sucede a segunda experiência. O terror recalcado lhe obriga a tomar precauções para garantir-lhe a integridade física.

Escreve em sigilo cartas aos protetores fora de Portugal. Pede-lhes que respondam anunciando-lhe: o pai enfêrmo quer vê-lo pela última vez.

E tudo continuou como se nada houvera: o encanto das vinhas e dos trigais, dos vinhos da adega do Conde e o cheiro de alfazema sôbre os cortinados escarlates.

Designa-o Pombal a que assista à formação da tropa, montado num fogoso bucéfalo, e depois faça um relato fiel do que vira.

Formou o Regimento de Estrangeiros, iniciando-se uma cena imprevista: outras unidades envolvem-no por todos os lados. As espadas são retiradas dos oficiais, quebradas no local e provàvelmente como remate da cerimônia, que êle não conta, os botões, os galões, retirados das fardas, em bruscos gestos para impressionar...

Dias depois o comandante francês é enforcado em praça pública, sem maiores provas do que a delegação de outro colega inferior a quem Pombal acometera a vigilância daquela vítima... O motivo era a malversão de dinheiro da unidade, quando o infeliz coronel, com o que sobrava do sôldo, ajudava a manter a corporação.

Procedido o recolhimento dos bens do suposto réu, êste não possuía senão algumas moedas, tão poucas que não poderiam sustentá-lo...

Se a primeira investida havia impressionado Gorani, a segunda perturbou-o ainda mais. Era indispensável despistar...

Continuou jogando baralho, como se nada houvera, ouvindo as chacotas do marquês, que falava pelas tripas de Judas.

Mas, na terceira e última, já estava de todo preparado.

A prova consistiu numa cilada feita por intermédio de pessoa que o próprio Gorani salvara, muito bem instruída. Os dois saíram conversando animados pela suavidade dos assuntos. Súbito o aventureiro viu-se prêso e conduzido a um Tribunal, frente a frente com o juiz que o argüía sôbre conversação mantida com inimigo do regime. Suspeita de traidor...

Conduzido por coragem inerente à função, baseado na liberdade desfrutada na casa do tirano, chegou a dar tremendo sôco na mesa, saltando a caixa de óculos que nela se encontrava... E argumentou de maneira autoritária:

— "Como pode V. Excia. desconfiar de mim, se me vê em casa do Sr. Conde todos os dias?"...

Nesse diapasão foi falando, gesticulando, procurando desvencilhar-se do gadanho do Desembargador, até que êle deixou-o de pé, cinco horas a fio. Quando já estava em desespêro, cansado da postura, entra o irmão mais môço do Conde, de nome Paulo de Carvalho, e leva Gorani de carruagem para a casa do mano... Em clima de alegria, de comentários graciosos sôbre a prisão, momentos angustia-

dos da vida do espião iam decorrendo, e nisso aparece a figura singular do Conde de Oeiras, a cabeleira cheia de frisos como um capitel de coluna dórica... Lôbo vestido de cordeiro, ali estava para anunciar ao visitante que a sorte lhe era benfazeja. Ia dar-lhe outra comissão mais rendosa... (com que frieza se matava naquela época...)

— "Perdão, Excelência, mas meu pai está gravemente enfêrmo e eu desejo pedir dispensa do meu ofício de militar..."

Depois de relutância demorada, que, há de ver-se, mudava os planos sinistros do Marquês, acordou Sebastião de Carvalho e Melo em dar-lhe alguns meses de licença, e o capitão José Gorani, com seu narizinho arrebitado de fura-mundo, desapareceu de Portugal para surgir na Revolução Francesa...

Recebido por Voltaire em 1769, dêle tomou conselhos sôbre a pretensão de ser proclamado rei da Córsega. Que era homem de grande inteligência, escrevia em francês, italiano, falava alemão, talvez russo, não há dúvida...

Nesse depoimento substancial sôbre a morte do oficial francês, vemos confirmação do que sucedeu no Brasil com o coronel Tomás Luís Osório, (11) sumàriamente pôsto no garrote, sem mais preâmbulos, sob a falsa acusação de ter abandonado uma trincheira...

Tempo depois, por essa justiça que era feita em nome del-rei Sebastião José de Carvalho, expede uma ordem com o fito de fazer chegar aos ouvidos de todos que a vítima era inocente... Foi um doloroso engano...

Basílio da Gama, salvando a pele, fêz-se arauto do fanático que dominava tudo, e para ter nas mãos o govêrno do rei sem roque, distribuiu os pontos-chaves entre dois irmãos; por isso o poeta, ao falar na trucidadora trindade, lembrou-se dos três Horácios... Três Horácios que Gorani já sabia de longe quem eram e como agiam. (12)

O ex-jesuíta contemporizou com as idéias do tempo. Ignorou a verdade, mas deixou que o instinto de conservação agisse.

Não aconteceu o mesmo com o irmão, licenciado da Universidade de Coimbra; tomou o sobrenome do pai, Vilasboas, e ficou alheio ao burburinho das letras.

Tornando menos fastidiosa a narrativa histórica, sempre pesada pelo seu conteúdo documental, demos uma feição de crônica aos fatos, explicando as razões do poeta para tornar-se desertor da *CIA* de tão nobres camaradas. Não foram só os jesuítas em conjunto a sofrer as infâmias de todo gênero. Dentro dos inacianos houve dois, de virtudes sobrenaturais, que se destacaram na sua teimosa proteção ao índio: Anchieta e Vieira, ambos caluniados, perseguidos, sendo que o primeiro leva a pecha de algoz por ter ajudado o carrasco a armar a corda da tortura... No entanto, o pobre homem era completamente aleijado, torto, portador de escoliose: não poderia subir um patíbulo para armar o sinistro laço...

Quanto a Vieira, as acusações foram sempre as mais torpes possíveis, e muitas não chegam ao conhecimento dos leitores e nem vale a pena relembrar porque nos enchem de revolta e de asco diante de tanta miséria, de tanta falta de sentimento dos acusadores...

Todos os poetas mineiros foram encomiastas de Bobadela, de D. José, de Pombal, porque eram donos dêsse nosso pequeno mundo, que se movia ao seu arbítrio.

Foram espoliados dos seus bens, retirados do seu lar, e enviados para a África, sofriam os horrores do clima tropical, no entanto, não deixaram de louvar as benignas mãos que ali os deixara, na ânsia incontida de alcançar o perdão.

Depois de situar num outro plano de provas o poeta Basílio da Gama, cujo julgamento (cada cabeça, cada sentença), tem sido feito com certa animosidade, vamos passar à análise dos versos errados do poeta, outra precipitação dos julgadores.

Infelizmente, temos que começar com um grande, um dos maiores escritores da língua portuguêsa: Machado de Assis.

Pessoa de tão humilde infância, tão atribulada pelos achaques, como portador do mal outrora chamado divino, a simpatia duplica, mais ainda porque sabia observar as almas das criaturas interiormente e descrevê-las com muita fidelidade.

O autor de *Quincas Borba* fêz referência na revista *Semana* em 7 de agôsto de 1895, a duas estrofes do poema *Uruguai*:

O meu bom amigo Muzzio achava detestáveis aquêles dois famosos versos:—

Tropel confuso de cavalaria
Que combate desordenadamente.

E tinha razão. São bem prosaicos e medíocres.

Ora, valha-nos Deus! Como é possível de um corpo arrancar seus membros principais e querer que êsse mesmo corpo tenha movimentos iguais a outro corpo perfeito?

Citemos os versos como êles foram escritos:

Num cavalo côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatu guassu feroz, e vem guiando
Tropel confuso de cavalaria
que combate desordenadamente.

(canto V, pg. 125, Ed. Garnier).

Faltou-lhe a cabeça da oração:

"E vem guiando"...

Veja-se como o caso mudou totalmente de figura. Ou ambos os amigos não leram o poema todo, ou foi maldade do amigo...

Passemos à segunda estrofe *Errada*:

Nem altas minas nem caudalosos rios...

Verdade seja dita: é outra acusação falsa. O verso está contido nestas cinco estrofes:

Nem altas minas, nem caudalosos
Rios de areias de ouro. Essa riquesa
Que cobre os templos dos benditos padres
Fruto da sua indústria e do comércio
Da fôlha, e peles, é riqueza sua.

Não há nada a reclamar, podendo apenas julgar-se ininteligível aquêle *do comércio da fôlha*. Trata-se do *mate* que os padres e os jesuítas preparavam: plantavam e vendiam a quem quisesse comprar, parece que no caso tôda a América.

Depois segue-se uma estrofe que os críticos acharam, acharam o quê? Nem mesmo sabemos:

Forçando os seus c'o exemplo e c'o a palavra.

Para caber no metro o autor necessitou absorver uma letra, o *M*, e, se não o fizesse, ficaria assim:

Forçando os seus com os exemplos e com as palavras.

Além de ficar sem ritmo, teria onze sílabas.

Vamos citar *Os Lusíadas*, de Camões, uma cousa tão velha e tão conhecida:

Deixa Deoses atraz a fama antigua
Que c'o a gente do reino alcançarão.

(canto 1, estância 26):

Vamos ver a *Prosopopéia* atribuída a Bento Teixeira Pinto, que não é nenhum modêlo de linguagem mas serve como exemplo:

Proteu no céu c'os olhos enlevados.

(pg. 39, Ed. A. do Brasil)

E por fim vejamos o *Caramuru*, anterior ao *Uruguai*:

Tinha muito c'o as musas conversando.

(canto XXXIV).

Seu fulano que citou Castilho, por esnobismo, está visto, não sabe que no *Tratado de Metrificação* de A. F. de Castilho fala sôbre a Aférese, no caso, sôbre a Paragoge, sôbre a Epêntese?

Castilho compôs até umas estrofes para o neófito gravar mais fàcilmente as regras. Vamos reproduzi-las mas sem afirmar que sejam escritas exatamente assim:

Princípios come aférese,
Epêntese os acrescenta
Sòmente tu, ó parágoge
É que no meio as aumenta.

Já vimos quantas injustiças se comete com uma obra de dez edições, o poeta já morto e depois disso, apontando erros, e às vêzes até plágios, sem se lembrarem que quem recolheu os despojos do poeta é o culpado! Sem meticuloso exame não se pode dizer que uma tradução encontrada em meio de papéis póstumos seja plágio, sem que um verso esteja errado.

Chegamos a outra estrofe em exposição como errada:

Do meio delas só a um seu aceno.

O poeta não pôde fazer a elisão das vogais porque se o fizesse ficaria:

Do meio delas soaun seuá cêno.

Então êle fêz a contagem assim:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
DO	*ME*	*IO*	*DE*	*LAS*	*SÓ*	*AUM*	*SEU*	*A*	*CEN*	*(O)*

Vem em seguida outra estrofe *errada*:

Nova surprêsa e outro gênero de guerra.

Não é *Nova surprêsa* mas *Nova emprêsa.*

Nova emprêsa e outro gênero de guerra.

(canto V, pg. 132)

Como tudo é precipitado, falho, impreciso, e, por isso mesmo, carente de correção:

Girou à roda e murmurou três vêzes
C'o a carcomida bôca.

O verso certo é êste:

Girou em roda e murmurou três vêzes
C'o a carcomida bôca ímpias palavras.

Passamos todo o processo de revisão, e mostramos que as acusações não se podem manter de pé, restando apenas um êrro geográfico, que não há dúvida, é do revisor:

Da rica Londres trágica e funesta
O Támega escurece.

É Tamisa, perla MADONA! Não podemos afirmá-lo alto e bom som porque é difícil encontrar-se as outras edições sem ser a Garnier, que temo-la em casa...

Tomando a atitude que Basílio tomou diante de uma pressão tremenda, de vida e de morte, qual seria a maneira de agir de cada um de nós no seu lugar? Objetivamente tomar o mesmo caminho do irmão, que afastou-se de tôda imensa rêde de caprichos da notoriedade. Mas, repitamos: — Cada cabeça, cada sentença.

Quanto ao poeta o assunto é árido, o assunto tem um objetivo, porém os versos são belos, rítmicos, musicais. Todos os defeitos com que encontramos a cada passo são da época: a prolixidade, a imprecisão, o exagêro, tudo nos denuncia um tempo afastado, que hoje nos é ridículo inda mais que aquilo era pura imitação.

Rematemos com o mesmo Antônio Feliciano de Castilho, mestre da língua, crítico dos mais capazes, poeta dos melhores, prosador dos mais autênticos, apesar da sua severidade para com José de Alencar:

Onde há aí, onde houve jamais, ou como poderia jamais haver, um poema perfeito por igual em tôdas suas partes, se conhecem essa Fênix, que no-la mostrem, e de bom grado lhe queimaremos em pira, para que renasça quantas obras até hoje se têm escrito.

E citemos também as estrofes de Horácio, vertidas do latim, no mesmo trabalho de Castilho:

Quanto às belezas num poema avultam
Jamais me enojarão máculas poucas,
Filhas da memória, ou que então não soube
Se o copista avisado não na emende,
É digno de censura.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

1) Foram dez as edições:

a 1.ª	em 1769	Lisboa
a 2.ª	em 1811	Rio
a 3.ª	em 1822	Lisboa
a 4.ª	em 1844	Rio
a 5.ª	em 1855	Rio
a 6.ª	em 1855	Rio
a 7.ª	em 1855	Rio
a 8.ª	em 1895	Rio
a 9.ª	em 1900	Pelotas — R. G. do Sul
a 10.ª	em 1907 (ou depois)	Rio — Garnier

2) Robert Southey — *História do Brasil* — Ed. Progresso, 3.º e 4.º volumes. L. Progresso.
Pizarro — *Memórias Históricas do Rio de Janeiro* — Imprensa Oficial, 9.º volume.
Fernandes Pinheiro — *Anais da Província de São Pedro do Sul* — Imprensa Oficial.
J. B. Hajkmeyer — S. J. *O Tratado de* 1750 *e os Jesuítas* — V. Petrópolis, 1912.
Pe. Carlos Teschauer — *Vida e Obra do Padre Roque Gonzalez* — 1913.

3) Afonso E. de Taunay — *Brasiliae de Rebus Pluribus* — S. Paulo, 1933.

Alpoim tem inúmeras obras ainda de pé no Rio de Janeiro, além de inventos na época, inclusive uma máquina de carenar, para estaleiros, muito falada. Foi êle quem construiu o Paço dos Capitães-Mores em Vila Rica, hoje Ouro Prêto, e ali funciona a Escola de Minas, onde formou-se nosso presidente Dr. Pompeu Sobrinho. O edifício do atual Correio no Rio, antigo palácio dos Vice-Reis, é de sua autoria.

4) L.A. de Bougainville — *Viaje Alredor del Mundo* — Espasa Calpe Argentina, Colección Austral (versão espanhola).

5) *Histoire de Nicolas Ier. Roy de Paraguay et Empereur des Mamelus a Saint Paulo,* 1756. Edição fac-similada Zélio Valverde, 1944.

6) Alfredo de Carvalho — *Biblioteca Exótica* — 1.º volume, obra póstuma.

7) Ruy Diaz de Guzman — *La Argentina* — Buenos Aires.

8) Pe. Antônio Paulo Ciríaco Fernandes — *Missionários Jesuítas no Brasil no Tempo de Pombal* — 2.ª edição, Edição Globo.

9) José Gorani — *Portugal, a Côrte e o País nos Anos de* 1765 *a* 1767. Ática Editôra.
10) Willlam Beckford — *A Côrte de D. Maria I* — Ditado de memória por ter sido perdido.
11) *In* Pizarro — *Memórias Históricas do R. de Janeiro* — volume IX.
In — O Perfil do Marquês de Pombal — Camilo Castelo Branco.
In — O Tratado de 1750 *e os Jesuitas* — J. B. Hafkemeyer, S.J.
12) Nota n.º 3 de Basílio da Gama no *Uruguai*:

"Em uma só família achou o rei três irmãos dignos de repartirem entre si todo o pêso do govêrno. Com quanto mais glória nossa podem os estranhos dizer da côrte de Lisboa, o que já se disse em Roma, ao vê-la nas mãos dos três famosos Horácios (*Corneille,* Horácio).

Vertemos o verso do francês para melhor e mais rápida compreensão:

E seu ilustre ardor de mais ousar
De uma só casa brava, todos nossos
De glórias cobre a escolha três famílias.

Essas três pérolas não eram nem mais nem menos do que: Paulo de Carvalho, mais môço, feito Presidente do Paço e Inquisidor-Geral; Francisco Xavier de Mendonça, na época Ministro da Marinha e Ultramar, e Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e depois Marquês de Pombal.

Êsses três janízaros desempenharam as funções de inspetor de quarteirão e ao mesmo tempo carrascos.

O resto só mesmo Camilo pode dizê-lo, Camilo e José Gorani.
13) *In — Estante Clássica da Longa Valquesa* — Volume sôbre Silva A.F. de C.